



O PATRIMÔNIO DE UM BANCO:

O Centro Administrativo do BNB em Fortaleza.

EL PATRIMONIO DE UN BANCO:

El Centro Administrativo del BNB en Fortaleza.

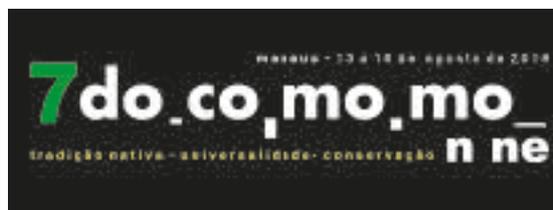
THE HERITAGE OF A BANK:

The BNB Administrative Center in Fortaleza.

NOGUEIRA, ANASTÁCIO BRAGA

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Design da
Universidade Federal do Ceará (PPGAU+D – UFC).
Rua dos Amigos, 100/203D – CEP: 60822-168 - Fortaleza-CE
anastaciobn@yahoo.com.br





RESUMO

A relevância deste artigo reside na necessidade de reconhecimento do edifício do Centro Administrativo do Banco do Nordeste (BNB) como patrimônio cultural, testemunho da fase final do modernismo nacional, evidenciando-o como um dos exemplares mais expressivos da arquitetura moderna no Ceará. Criado por Getúlio Vargas, o BNB é a principal empresa pública federal sediada em Fortaleza - CE. Durante o Governo Militar (1964-1985), o referido banco regional passou por um relevante processo de expansão de sua rede de atendimento, reflexo de uma política desenvolvimentista agressiva, onde a construção de novos edifícios assumiu um papel estratégico de consolidação da presença física da instituição dentro da sua área de atuação. Ao final deste período, o BNB construiu um acervo de 120 edifícios modernos, espalhados em 10 estados distintos, onde o principal exemplar desta fase expansionista foi o Centro Administrativo Presidente Getúlio Vargas (CAPGV), a atual sede do banco, de autoria dos arquitetos cearenses Marcos Thé (1950) e Wesson Nóbrega (1947), com paisagismo de Burle Marx (1909-1994). A análise do projeto em questão objetiva o conhecimento sobre as peculiaridades da arquitetura de tipologia bancária e da diversidade da produção moderna no Nordeste do Brasil, ressaltando os seus valores arquitetônicos e culturais.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna; Arquitetura Bancária; Fortaleza; Banco do Nordeste.

RESUMEN

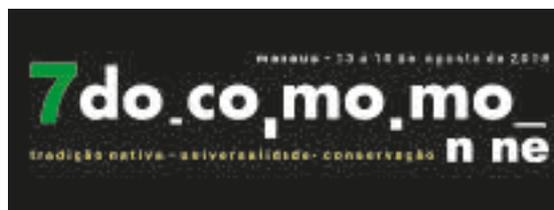
La relevancia de este artículo reside en la necesidad de reconocimiento del edificio del Centro Administrativo del Banco do Nordeste do Brasil (BNB) como patrimonio cultural, testigo de la fase final del modernismo nacional, destacando como uno de los ejemplos más impresionantes de la arquitectura moderna en el estado de Ceará. Creado por Getúlio Vargas, el BNB es la principal empresa de la administración pública federal con sede en la ciudad de Fortaleza - CE. Durante el Gobierno Militar (1964-1985), el citado banco regional pasó por un relevante proceso de expansión de su red de oficinas, reflejo de una política desarrollista agresiva, donde la construcción de nuevos edificios asumió un papel estratégico de consolidación de la presencia física de la institución dentro de su área de actuación. Al final de este período, el BNB construyó un acervo de 120 edificios modernos, distribuidos en 10 estados distintos, donde el principal ejemplar de esta fase expansionista fue el Centro Administrativo Presidente Getúlio Vargas (CAPGV), la actual sede del banco, de autoría de los arquitectos cearenses Marcos Thé (1950) y Wesson Nóbrega (1947), con paisajismo de Burle Marx (1909-1994). El análisis de este proyecto tiene como objetivo el conocimiento sobre las peculiaridades de la arquitectura de tipología bancaria y de la diversidad de la producción moderna en el Nordeste de Brasil, resaltando sus valores arquitectónicos y culturales.

Palabras clave: Arquitectura Moderna; Arquitectura Bancaria; Fortaleza; Banco do Nordeste.

ABSTRACT

The relevance of this article lies in the need to recognize the building of the Administrative Center of the Banco do Nordeste do Brasil (BNB) as cultural heritage, testimony of the final phase of national modernism, evidencing it as one of the most expressive examples of modern architecture in the state of Ceará. Created by Getúlio Vargas, BNB is the main federal public company headquartered in Fortaleza - CE. During the Military Government (1964-1985), this regional bank had a significant process of expansion of its public service units, reflecting an aggressive development policy, where the construction of new buildings assumed a strategic role of consolidating the physical presence of the institution within its operating area. At the end of this period, the BNB built a set of 120 modern buildings in ten different states, where the main example of this expansionary phase was the Centro Administrativo Presidente Getúlio Vargas (CAPGV), the bank's current headquarters, project designed by Marcos Thé (1950) and Wesson Nóbrega (1947), with landscape by Burle Marx (1909-1994). The analysis of this project has the objective of knowing the peculiarities of the banking typology architecture and the diversity of the modern production in the Northeast of Brazil, emphasizing its architectural and cultural values.

Keywords: Modern Architecture; Banking Architecture; Fortaleza; Banco do Nordeste.



Introdução

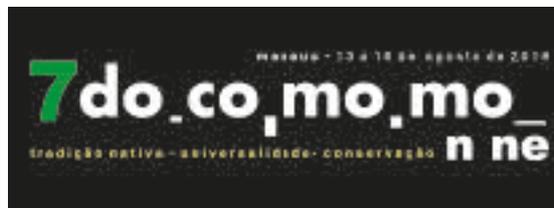
Apesar do reconhecimento internacional da arquitetura moderna brasileira, só a partir da década de 1990, intensificam-se as pesquisas sobre a difusão e recepção da arquitetura moderna em várias cidades brasileiras, inclusive para além dos grandes centros urbanos, procurando evidenciar a abrangência e complexidade do modernismo arquitetônico brasileiro. Essa ampliação do campo de pesquisa inclui dissertações de mestrado e/ou teses de doutorado, artigos e trabalhos publicados em revistas e eventos da área e, em particular, nos seminários DOCOMOMO¹:

Esses estudos têm contribuído não apenas para a recuperação de um número significativo de arquitetos e obras até então esquecidos ou desconhecidos, mas também mostrando a pluralidade da produção brasileira, apontando para a necessidade de uma visão mais abrangente sobre o tema da “difusão/recepção”. (FREIRE, 2015, p.25)

É recorrente, em diversos desses trabalhos evidenciar o papel do Estado, nas diferentes esferas, federal, estadual e municipal, como importante agente e promotor da produção da arquitetura moderna brasileira. A ação do Estado nos chamados processos de “recepção/difusão” da arquitetura moderna pode ser compreendida a partir de duas modalidades: “via construção direta” e “via condicionantes de legislação”. (FREIRE, 2015, p.137).

No caso dos bancos, ocorreram as duas modalidades: a primeira, através da atuação dos bancos públicos que realizaram importantes construções de edifícios modernos por todo o país; e, em relação a segunda, através de importantes mudanças no mercado financeiro e bancário nacional que possibilitaram, a partir do final da década de 1960, a expansão dos bancos nacionais, tornando-os um dos protagonistas da fase final do modernismo brasileiro.

¹ Sigla referente a International Working Party for DOcumentation and COnservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the MOdern Movement.



Este trabalho faz parte da pesquisa de mestrado “A arquitetura moderna no (Banco do Nordeste)”² que estuda a arquitetura moderna a partir da ação do Estado, “via construção direta”, no caso: o conjunto de edifícios modernos construídos entre 1968 e 1986 pelo Banco do Nordeste do Brasil (BNB), instituição financeira federal de desenvolvimento regional, criada em 1952 por Getúlio Vargas e sediada em Fortaleza-CE.

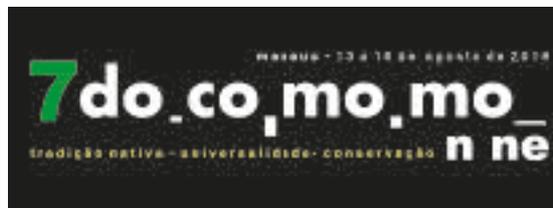
Neste artigo, especificamente, pretende-se abordar, dentro do relevante acervo de arquitetura moderna cearense, o edifício do Centro Administrativo Presidente Getúlio Vargas - CAPGV, atual sede do BNB, principal exemplar do conjunto moderno construído pelo referido Banco. O edifício em questão tem o projeto de paisagismo de Burle Marx, que o torna um exemplar emblemático da última fase do modernismo não só no Nordeste, mas no Brasil.

O trabalho pretende contribuir para a historiografia da arquitetura regional e nacional, resgatando fatos, personagens e objetos excluídos da escrita oficial, bem como para o reconhecimento e valorização do patrimônio arquitetônico moderno que, de modo geral, encontra-se bastante ameaçado, seja pela demolição ou degradação de diversos exemplares, seja pela descaracterização de outros, causada por intervenções e adaptações posteriores, realizadas sem respeitar as características originais dessas edificações.

Um banco que também quer ser moderno

Apenas quatro anos após o advento de Brasília, marco urbanístico e arquitetônico que contribuiu para intensificação do processo de difusão e recepção da arquitetura moderna pelo Brasil, há o estabelecimento do Governo Militar (1964-1985), alterando-se os rumos políticos e econômicos do país. Ainda no mesmo ano do referido golpe, para

² Pesquisa dentro do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará com orientação do Prof. Dr. Ricardo Paiva.



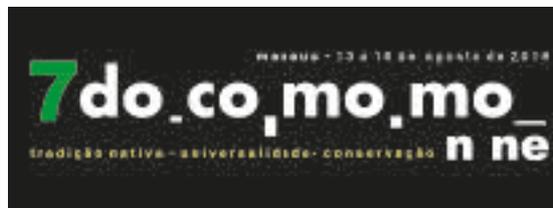
criar condições de financiamento do seu programa desenvolvimentista de industrialização do país e das grandes obras de infraestrutura, os militares reestruturaram todo sistema financeiro nacional. A chamada, então, “Reforma Bancária”, que criou condições para o advento de bancos capazes de movimentar grandes quantidades de capital financeiro:

O governo militar realizou de imediato uma série de reformas institucionais, visando à modernização dos sistemas bancário, financeiro, fiscal e administrativo, de tal forma a adaptá-los ao padrão de regulação que a partir de então iria se consolidar, em articulação com o novo ciclo de crescimento que resultaria no conhecido “milagre econômico brasileiro”, no período de 1968-1973. (LIMA, 2015, p.06).

Um dos reflexos dessa reforma foi a expansão vertiginosa dos bancos nos anos seguintes. Esse processo de crescimento, que se intensifica no decorrer dos anos de 1970 e estende-se até a metade da década de 1980, é caracterizado por um intenso aumento da rede de atendimento ao público no país, através, principalmente, da construção de diversos edifícios. As agências bancárias tornam-se, então, um dos principais campos de trabalho para as experimentações formais dos arquitetos:

Se as casas haviam sido o grande laboratório dos arquitetos, até a década de 60, os bancos exerceram esse papel, nos anos 70. Poucas limitações de programa, verba generosa, intenção plástica carregando os ideais muito característicos da arquitetura brasileira - espaços amplos, integração, desafio estrutural, emprego do concreto armado e protendido - uniram-se na materialização de muitos exemplares arquitetônicos que vão da estranheza à genialidade, enquanto resultados (ZEIN, 1984, p.50).

Assim, os arquitetos, aproveitaram essa disponibilidade de recursos, diante de um programa de necessidades relativamente simples, para experimentações formais. Acerca disso, Zein (1984) afirma ainda que serão introduzidos os conceitos de beleza e ousadia como indispensáveis para complementar a racionalidade do processo de trabalho: “mas nada de austeridade, dessa vez: exuberância seria o termo mais correto para definir as experiências praticadas nesse período.” (ZEIN, 1984, p.50), o qual Lemos (1981) complementa:



Todos temos visto essas novas e sofisticadas agências de bancos importantes espalhadas pela cidade, todas elas extremamente bem-acabadas e confortáveis; quase sempre projetos de arquitetos renomados que têm nelas chances incríveis de se mostrar em soluções personalistas. (LEMOS, 1981, p.27).

Os bancos não construíam somente novas agências para expandir sua rede de atendimento e, assim, a possibilidade de alcance de sua clientela, erigiam também edifícios administrativos, cuja tipologia mais comum eram os edifícios verticais: “os conglomerados bancários têm erigido, nos centros mais valorizados das cidades, suas torres administrativas” (ZEIN, 1984, p.52),

Neste contexto, os bancos públicos federais e estaduais também tiveram um processo similar de crescimento. No caso específico do BNB, além de estar inserido no contexto econômico da Reforma Bancária, sua expansão foi estimulada também pela política desenvolvimentista do Governo Militar para a região Nordeste, que autorizou sucessivos aumentos do capital social da instituição (COSTA, 1969), aumentando-se os recursos disponíveis tanto para financiamento das atividades produtivas, especialmente à indústria, como para construção dos edifícios modernos, para consolidação também a sua presença física dentro da sua área de atuação, que incluía na época todos os estados nordestinos e o norte de Minas Gerais.



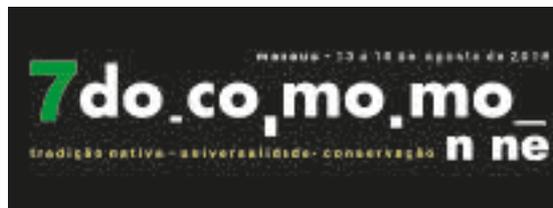
Figura 1: Centro Administrativo Presidente Getúlio Vargas – CAPGV, sede atual do BNB
Projeto: Marcos Thé Mota e Wesson Nóbrega, 1982.
Fonte: arquivo histórico digitalizado do BNB.

Desse modo, no período entre 1968, quando foram projetados os primeiros exemplares modernos, e 1986, ano do Plano Cruzado que representou uma diminuição da rentabilidade dos bancos devido a diminuição das taxas de inflação, o que interrompeu o processo de expansão dos mesmos, o BNB erigiu 120 edifícios em 114 cidades diferentes. O principal exemplar desse conjunto moderno é o Centro Administrativo Presidente Getúlio Vargas – CAPGV (figura 1), atual sede do BNB, de autoria dos arquitetos Marcos Antônio Thé Mota (1950) e Wesson Monteiro Nóbrega (1947) e localizado no bairro Passaré em Fortaleza-CE.

A questão do edifício-sede do BNB

O contínuo crescimento do BNB iniciado no final da década de 1960, se refletia também na sua Direção Geral que, segundo o arquiteto Marcos Thé³, ocupava 23 edifícios diferentes no centro da cidade de Fortaleza. Situação que gerava diversas dificuldades de comunicação e logística entre as unidades, complicando eventos administrativos corriqueiros como uma simples reunião entre duas ou mais unidades

³ Através de entrevista realizada no dia 23 de maio de 2018.



distintas. Além disso, tal fracionamento, trazia custos com alugueis, taxa condominiais, além de onerar serviços como segurança, limpeza e manutenção, que deveria atender a cada unidade.

O BNB realizou um concurso público para construção de uma nova sede moderna. O projeto do então edifício Raul Barbosa - EDIRB foi escolhido através de concurso público, aberto no final de 1977, de anteprojetos para a sede da Direção Geral do Banco. O projeto vencedor é de autoria de uma equipe de jovens arquitetos cearenses formados na Escola de Arquitetura da UFC: Nelson Serra e Neves, José Alberto de Almeida, Antônio Carlos Campelo e Carlos Alberto Faria Costa, colaboraram ainda os arquitetos Joaquim Cartaxo e Rui Oliveira Mamede.

O programa de necessidades complexo incluía além dos escritórios necessários para acomodar a Direção Geral, estrutura de apoio constituída principalmente de restaurante, biblioteca e auditório, uma agência bancária (a maior da rede de atendimento) e as áreas técnicas de infraestrutura (geradores, subestação, central de ar-condicionado, central telefônica etc.). Tal programa era muito extenso para o exíguo lote de 28,00x77,00m localizado no centro da cidade de Fortaleza, indicado a necessidade de verticalização da proposta e a pouca possibilidade de ampliação futura.

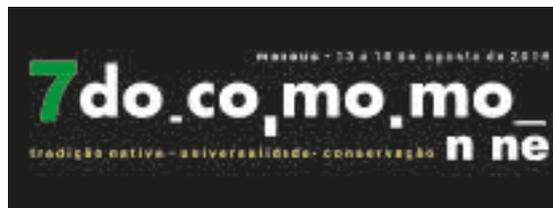


Figura 2: Edifício Raul Barbosa, quando ainda era sede do BNB.
Fonte: arquivo histórico digitalizado do BNB.

Segundo o arquiteto Marcos Thé Mota, já em 1979, a administração do BNB percebeu que a construção do EDIRB⁴ (figura 2), já iniciada no ano anterior, só acomodaria a Direção Geral da instituição, no máximo, a médio prazo, após a sua conclusão. Devido ao grande crescimento vivenciado pela empresa nos anos anteriores, com a expansão da rede de atendimento, que refletia também num aumento das unidades administrativas, cujo trabalho dava suporte às agências, o qual imaginou-se também que esse incremento permaneceria contínuo no futuro.

Desse modo, era necessário a construção de um novo edifício administrativo que pudesse ser ampliado várias vezes, se necessário. Permitindo, assim, acompanhar a perspectiva de crescimento institucional do BNB. Para tanto, foi realizado um levantamento de pessoal e necessidades de todas as unidades da Direção Geral, efetuado pelo arquiteto Marcos Thé Mota e realizada uma projeção de crescimento futuro estipulada pela administração do BNB. Estava estabelecido o programa de necessidades a ser atendido pelo novo edifício-sede, cujo projeto então se iniciaria.

⁴ O EDIRB foi inaugurado em 1982, e abrigou a presidência e as diretorias do BNB até 1996. O edifício abrigou a agência Fortaleza-Centro e o Centro Cultural Banco do Nordeste até 2013, quando foi integralmente vendido, pertencendo hoje à Justiça Federal do Ceará.



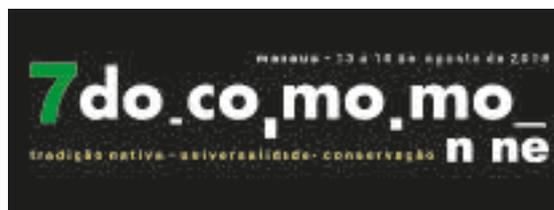
O BNB montou então uma equipe de trabalho com dois arquitetos que eram funcionários da instituição: Marcos Thé Mota e Wesson Nóbrega, que passaram a desenvolver uma proposta para o novo edifício administrativo que precisaria de um terreno amplo para facilitar a execução, se necessário, das futuras ampliações. Seria então implantado no antigo sítio Passaré, uma área de cerca de 26,55ha ainda não urbanizada, localizada a cerca de 11km do centro da capital cearense. Para o desenvolvimento da proposta inicial, foi contratado o escritório local do Nasser Hissa e, posteriormente o de Roberto Loeb em São Paulo, para a elaboração dos projetos executivos. Esse processo desde o levantamento, estudo preliminar até a finalização dos projetos para a obra durou cerca de três anos.

Uma sede moderna para o presente e o futuro

Para atender ao extenso programa, a sua possibilidade de crescimento futuro, além do próprio cronograma de mudança dos diferentes órgãos administrativos para o CAPGV, o edifício foi pensado para ser construído em 5 etapas, acompanhando assim as necessidades de espaço e de disponibilidade de recursos para construção do BNB. Em cada etapa seria construído um conjunto determinado de blocos. Estes últimos eram dominados por uma planta livre que permitiria as diferentes configurações de cada setor administrativo com suas especificidades de leiaute, salas de reuniões e arquivos. As áreas de apoio: copa, banheiros, casa de máquinas de ar-condicionado foram organizadas nas suas extremidades.

Outra importante premissa do projeto foi o diálogo com o lugar onde seria implantando. que era caracterizado pela presença de uma cobertura verde natural do antigo sítio Passaré (figura 3). O arquiteto Wesson Nóbrega⁵ afirmou que a presença marcante da cobertura vegetal foi um dos pressupostos iniciais para a implantação do edifício em

⁵ O referido arquiteto concedeu entrevista em 22 de maio de 2018.



diversos blocos, que seriam separados por áreas verdes, trazendo parte do entorno para dentro do edifício.



Figura 3.: vista aérea do sítio Passaré em Fortaleza por volta de 1976, local onde seria construída, na década seguinte, a sede do BNB. Ao cento a lagoa do Passaré, ao fundo o estádio Castelão ainda inconcluso. Fonte: arquivo histórico digitalizado do BNB.

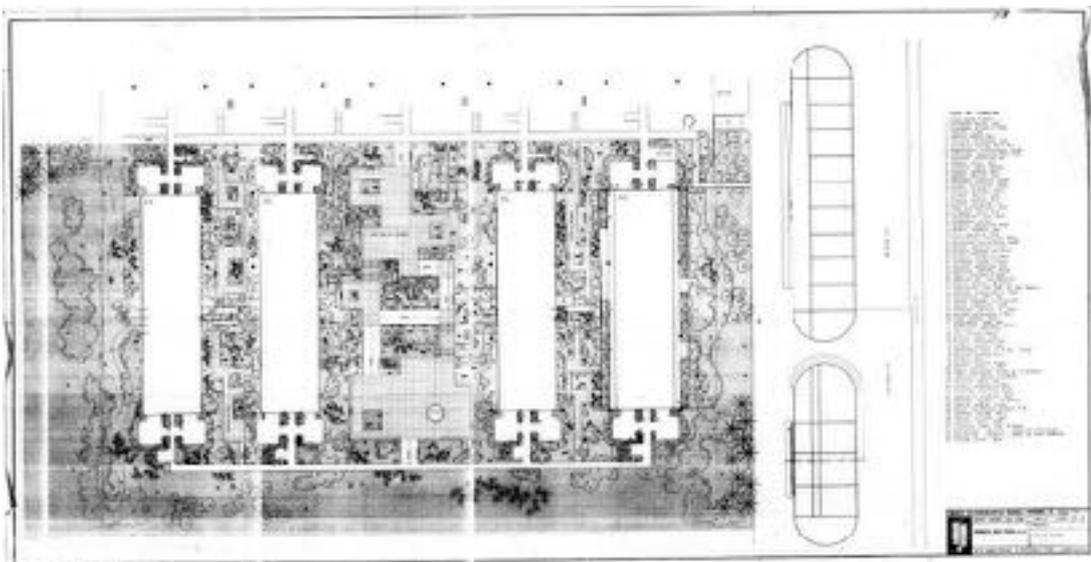
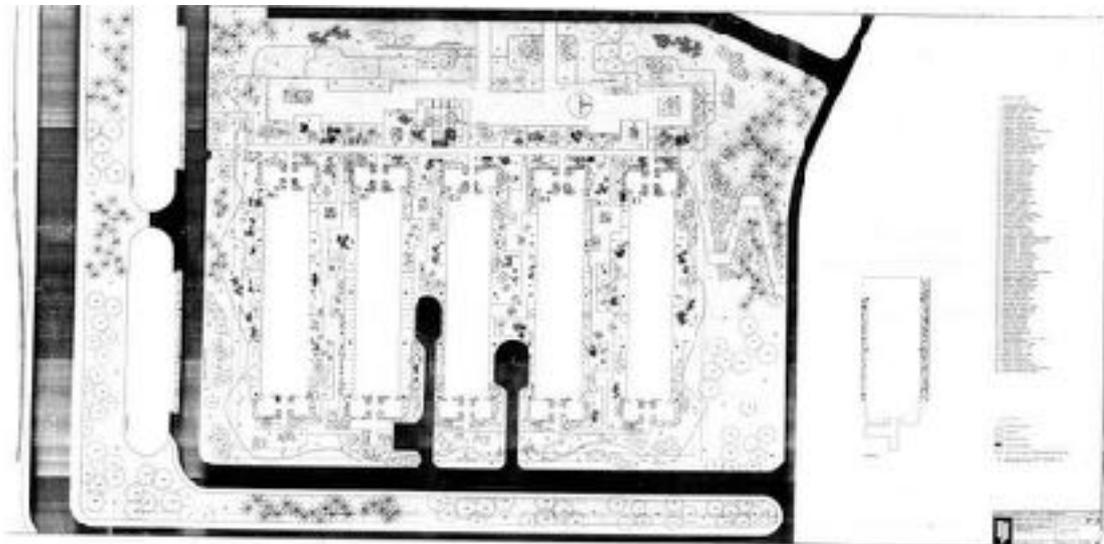
Assim, Roberto Burle Marx foi contratado, na categoria de notória especialidade técnica, para elaborar o projeto paisagístico (figuras 4 e 5), então concebido para conferir, também, unidade ao conjunto, tão desejada pelos autores do projeto arquitetônico:

Os jardins se inserem entre os blocos como extensões verdes das áreas de trabalho, intermediados pelo balanço da estrutura de concreto que mais se assemelha a uma varanda, pensada para proteger os panos de vidro da insolação e como apoio para as jardineiras pré-moldadas de concreto (que infelizmente não foram construídas). Em contrapartida, os blocos se inserem nos jardins como se estivessem soltos do chão, uma vez que o pavimento térreo se eleva do solo e o jardim adentra sob o piso. (PAIVA; DIÓGENES, 2009, p.09).

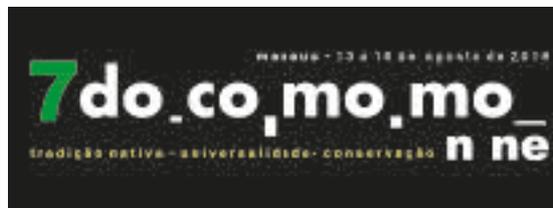
A ideia de dialogar com o local foi favorecida, também, pela permeabilidade do projeto, estabelecendo uma relação de aproximação entre a edificação e seu entorno. Nas palavras dos autores, eles queriam um edifício em que: os usuários percebessem o dia



passando pelo movimento do sol; soubessem que estava chovendo, quando ocorresse; e para onde olhassem, o verde da natureza seria visto e isso é possível devido à grande transparência dos blocos protegidos pela estrutura espacial. Um partido arquitetônico pensado para aquele lugar específico, para aquele clima local.



Figuras 4 e 5: Projeto de Burle Marx, primeira e segunda etapas, respectivamente.
Fonte: arquivo técnico do Ambiente de gestão do Patrimônio do BNB.



Foram então executadas as duas primeiras etapas do projeto. A primeira, constituída de 5 blocos, foi inaugurada em 1984 e, antes de sua conclusão, foi autorizada a construção da segunda etapa, com 4 blocos. Neste último, concluído em 1986, há a presença de uma praça central, no lugar onde haveria o bloco central. Este é o principal espaço paisagístico do edifício, onde a elevada altura da cobertura espacial aumenta a monumentalidade do espaço, que possui um caráter cívico. e permite um maior diálogo entre o edifício e o exterior. A diferença de nível existente entre o acesso e a passarela central é vencida com escadarias e rampas intercaladas com espaços de convivência intermediários e utilizada para enriquecer a experiência do percurso, “em um jogo formal abstrato e dinâmico, permitindo uma percepção diferenciada do jardim à medida que se eleva o ponto de observação.” (PAIVA; DIÓGENES, 2009, p.10).

Os blocos (figura 6) foram concebidos racionalmente como um grande pavilhão, sendo de dois ou três pavimentos. Possuem 14 metros de largura, havendo comprimentos distintos entre a primeira e a segunda etapas, 77 metros e 66 metros, respectivamente. Os pilares foram situados periféricamente na parte externa, assim como os apoios da estrutura metálica do pavimento superior, permitindo grande flexibilidade nos leiautes internos. Nas áreas de serviço situadas nas extremidades de cada um dos blocos estão localizadas as copas, sanitários e casa de máquinas de ar-condicionado. Esta configuração confere grande flexibilidade ao edifício, permitindo-se nesses mais de 30 anos de existência adaptar-se as diversas mudanças ocorridas no BNB no período, o que implicou em inclusive na aplicação de leiautes bem distintos de um bloco para outro, ressaltando a adaptabilidade do edifício as novas necessidades de uso.



Figura 6: CAPGV – planta do pavimento -tipo, elevação de um bloco, além de corte transversal dos blocos da primeira etapa. Fonte: arquivo técnico do BNB.

A estrutura e os materiais se apresentam de forma quase didática, evidenciando a forma que o edifício foi construído, a buscada “verdade estrutural” dos postulados modernos. Há dois sistemas estruturais principais independentes, com o intuito de diminuir o tempo de execução e facilitar ampliações futuras: uma, relativa a cobertura principal do conjunto, em estrutura espacial em alumínio, cujos apoios de 30x30metros se localizam nas áreas dos jardins e praça; outra, a estrutura mista dos blocos que se compõem de concreto protendido e estrutura metálica em treliças de aço (cobertura dos blocos) e o concreto armado convencional no volume das áreas de serviço.

A malha espacial que ocupa uma área de 180x145metros e fica a uma altura média de 9,50m de altura média do solo é responsável por boa parte da sua expressividade formal do edifício. Contudo, o edifício possui diversas camadas de leitura, à medida que o observador se aproxima do mesmo, que possui grande permeabilidade, percebe-se os

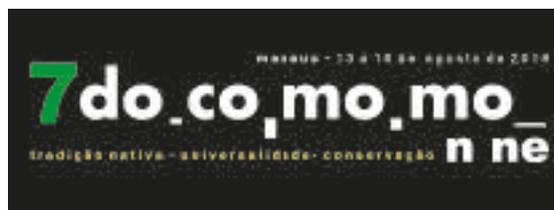
espaços verdes dos jardins e das praças, assim como também detalhes dos blocos administrativos e dos elementos de circulação, a ideia de conjunto assume outro nível de complexidade, sem perder a noção de conjunto. Apesar do seu caráter monumental, pela forma de sua implantação e o porte da edificação, o CAPGV acolhe o usuário, convida-o a realizar o percurso, a percorrer seus caminhos, suas passarelas, estimula-o a permanecer. Uma arquitetura que usa o conceito de grande abrigo, associada a sombra, a presença do verde e a horizontalidade dos blocos, para realmente acolher (figuras 7, 8 e 9).



Figura 7: CAPGV – fachada norte, a medida que se aproxima do edifício, o usuário tem novas apreensões sobre o conjunto. Fonte: acervo do autor.



Figuras 8 e 9: pormenor da fachada leste e de uma área verde entre dois blocos da primeira etapa. Fonte: acervo do autor.



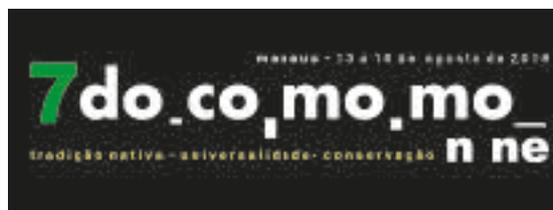
A preservação do patrimônio moderno apresenta alguns desafios, conforme Moreira (2011), envolve aspectos como: funcionalidade, manutenção, utilização de materiais construtivos industriais ou tradicionais e a necessidade de atualização dos sistemas infraestruturais e da aceitação da pátina.

No caso do CAPGV, onde grande parte da autenticidade do conjunto está mantida, há dificuldades com relação aos materiais que saíram de fabricação como o forro de réguas metálicas e o piso vinílico no interior dos blocos, o que tem exigido mudanças quando ocorre intervenções nesses espaços. Além do caso da pastilha de vidro verde do volume dos serviços, cujo fornecedor não existe mais, exigindo a tentativa de encomenda com um outro fabricante.

Outra questão é a obsolescência do sistema de iluminação, por exemplo, e a necessidade constante de modernização dos sistemas infraestruturais como cabeamento estruturado, ar-condicionado e até instalações hidráulicas, que exigem, muitas vezes, alterações arquitetônicas. Há também a questão da manutenção da estrutura espacial que, além da inerente complexidade, por ser de alumínio apresenta especificidades diferentes das similares em aço, mais comuns. Além da questão dos jardins, cujo projeto de Burle Marx já foi bastante alterado em relação à cobertura vegetal original, necessitando de uma urgente recuperação.

Considerações finais

O único exemplar da arquitetura moderna tombado no Ceará, é o conjunto do Palácio da Abolição, inaugurado no ano 1970 para abrigar a sede do Governo do Estado do Ceará e constituído pelo palácio propriamente dito, o mausoléu Castelo Branco e a capela. O conjunto foi tombado pelo governo estadual no ano de 2004 e cujo projeto é do arquiteto carioca Sérgio Bernardes (1919-2002).

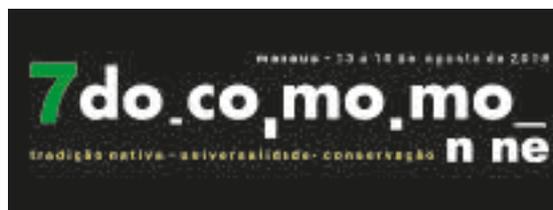


É preciso ampliar a discussão sobre a preservação do patrimônio moderno edificado no Ceará junto à sociedade e aos órgãos de preservação para garantir a salvaguarda de seus exemplares mais significativos que ainda mantêm a sua autenticidade, diante de tantas descaracterizações e até demolições. Dentro dessas reflexões sobre a proteção desse Patrimônio Moderno, não se está restringindo às ações de tombamento como ferramenta de proteção. Os exemplares modernos têm que ser percebidos pela sua importância cultural, mantidas a sua essência, mas não impedir a mudança, característica de sua concepção flexível.

Tinem (2010) afirma, sobre a questão da intervenção em um edifício racionalista, ainda que não tivesse nenhum tipo de proteção, deve ser preocupada em analisar, o que deve ser mantido, o que pode ser alterado. Deve se estabelecer um diálogo entre a contemporâneo e o moderno, que garanta o seu uso, mas também sua essência, sua qualidade construtiva. Independente de tombar ou não, só será possível manter a essência do modernismo constante no acervo arquitetônico existente com o reconhecimento desses valores modernos e da importância de se manter certas características dos projetos originais.

No caso do CAPGV, os desafios para manter este diálogo entre o contemporâneo e o moderno, está nos aspectos mencionados como as dificuldades como a substituição de materiais, a modernização dos sistemas infraestruturais e a recuperação dos exemplares vegetais originais do projeto de Burle Marx. Contudo, essas dificuldades somente poderão ser superadas a partir da percepção do edifício como um notório exemplar da arquitetura moderna brasileira, um projeto adaptado as condições climáticas locais e em diálogo com paisagem do seu entorno.

Além disso, as características singulares do projeto do CAPGV no contexto cearense, o seu simbolismo de representar o fechamento de uma fase histórica de expansão e consolidação do BNB, uma importante instituição regional, tornam prementes a



preservação da autenticidade dessa edificação, que se encontra em pleno uso após 34 anos de inauguração da primeira etapa. Para isso, é importante o reconhecimento dos seus valores culturais, o qual este trabalho procurou explicitar, contribuindo para o processo de valorização desse patrimônio.

Referências

COSTA, Rubens Vaz da. **O desenvolvimento regional no Brasil e no mundo**. Fortaleza: BNB, 1969.

FREIRE, Adriana Leal de Almeida. **Recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira: uma abordagem historiográfica**. 2015. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-08032016-095843/>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

LEMOS, Carlos. **Arquitetura Bancária e Outras Artes**, in Projeto n° 26. São Paulo, janeiro de 1981. Projeto Editores Associados Ltda.

LIMA, Valéria Almada. **Padrões de acumulação e políticas sociais no Brasil**. Revista de Políticas Públicas, On-line, UFMG, 2015. Disponível em: www.revistapoliticaspUBLICAS.ufma.br. Acessado em: 21 jan. 17.

MOREIRA, Fernando Diniz. **Os desafios postos pela conservação da arquitetura moderna**. Revista CPC, n. 11, p. 152-187, nov. 2010/abr. 2011. São Paulo: USP, 2011.

PAIVA, Ricardo Alexandre, DIOGENES, Beatriz H. **Caminhos da Arquitetura Moderna em Fortaleza: a contribuição do paisagista Roberto Burle Marx**. In: 8 DOCOMOMO Brasil, 2009, Rio de Janeiro. 8 DOCOMOMO Brasil. Rio de Janeiro, 2009.

TINEM, Nelci. **Desafios da Preservação da arquitetura moderna: o caso da Paraíba**. Artigo publicado nos Cadernos PPG-AU/FAUFBA. Salvador: UFBA, 2010. Disponível em: <<http://www.lppm.com.br/sites/default/files/livros/Desafios%20da%20preserva%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2016

ZEIN, Ruth Verde. **Muita construção, muita arquitetura**. In: Revista Projeto, n° 63. São Paulo: Projetos Editores Associados, mai. 1984.